

UMA HISTÓRIA DE EXTENSÃO NA MIGRAÇÃO DO SINAL DE TV DIGITAL

Alexandre Schirmer Kielling ¹

Gabrielle Santelli Vitório ²

RESUMO

O presente relato trata dos resultados do projeto Migração para Televisão Digital (MTVD), convênio da Universidade Católica de Brasília (UCB) com a Seja Digital, antiga Entidade Administradora do Processo de Redistribuição e Digitalização de Canais de TV e RTV (EAD). O objetivo foi sensibilizar a população sobre o desligamento do sinal da televisão analógica programado para outubro de 2016 e informar sobre a importância da digitalização. O MTVD envolveu a participação de professores e estudantes (bolsistas e voluntários) dos cursos de Computação, Comunicação Social, Licenciaturas, Saúde, Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado em Comunicação. Este trabalho também apresentará as ações de mobilização que durante sete meses procuraram atingir – de maio a dezembro – as regiões administrativas de Areal, Arniqueiras, Ceilândia, Recanto das Emas, Riacho Fundo I e II, Samambaia e Taguatinga.

Palavras-chave: TV Digital, Migração, Mobilização, Extensão.

ABSTRACT

The present report deals with the results of the project Migration for Digital Television (MTVD), an agreement of the Catholic University of Brasilia (UCB) with Seja Digital, former Administrative Entity of the Process of Redistribution and Scanning of TV Channels and RTV (EAD). The goal was to sensitize the public about the analogue television signal shutdown scheduled for October 2016 and to report on the importance of digitization. MTVD involved the participation of professors and students (scholars and volunteers) in the courses of Computing, Social Communication, Licentiate, Health, Social Service and Program of Master in Communication. This study will also present administrative areas of Areal, Arniqueiras, Ceilândia, Recanto das Emas, Riacho Fundo I and II, Samambaia and Taguatinga, which were the places where the actions took place during seven months, from May to December.

Keywords: Digital TV, Migration, Mobilization, Extension.

¹ Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Santa Maria (1985), especialização em cinema e TV (2000) mestrado (2004) e doutorado (2009) em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Desenvolveu uma pesquisa sobre interatividade na TV, tendo feito estágio doutoral na Sorbonne Nouvelle Paris 3, na França, sob a orientação do Professor François Jost. É professor do Programa de Mestrado em Comunicação e da Graduação em Comunicação da Universidade Católica de Brasília. Tem experiência em produção e gestão de realização audiovisual, especialmente em televisão. Atua e pesquisa com ênfase nos seguintes temas: digitalização das mídias, TV digital, televisão brasileira, interatividade, narratologia, conteúdos audiovisuais, conteúdos digitais. Coordena o Grupo de Pesquisa que estuda os conteúdos Digitais e Interativos.

² Mestre em Comunicação Social pela Universidade Católica de Brasília (UCB), na área de Processos Comunicacionais na Cultura Mediática. É graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (2012) também pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Atua na área acadêmica desenvolvendo pesquisas relacionadas principalmente ao audiovisual, convergência digital, interatividade, narrativa transmídia, narrativas, telenovela brasileira e televisão digital.

1 CONTEXTO E CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Atualmente, experimenta-se no Brasil um período de transição entre produção e distribuição de conteúdos por meios analógicos gradualmente substituídos por meios digitais que, por sua vez, impactam nas lógicas de recepção e consumo. Diante de uma perspectiva de convergência desses meios tecnológicos de comunicação, por meio da digitalização, em princípio, abre-se a perspectiva de um processo que redimensiona as relações entre emissor e receptor. **É uma nova dinâmica que vem nos convidando à reflexão sobre os modelos comunicacionais e, sobretudo, sobre os sistemas de produção, circulação e consumo, tais quais os compreendemos e aprendemos ao longo do uso das tecnologias analógicas.**

A possibilidade de substituir a tinta e o papel, a película, as ondas hertzianas, o fio de cobre, migrar de um formato para outros aparatos digitais móveis não somente redimensiona os sistemas de produção dos conteúdos e as formas de expressão cultural e criativa. Não é - exatamente uma atualização das maneiras de fazer, publicar e divulgar. Há movimentos que transcendem aqueles no âmbito da tecnologia, do suporte, ou das reconfigurações das dinâmicas e dos processos no campo econômico. O que se vê sinaliza reacomodações que, embora incluam tensões nas lógicas de mercado, nas hierarquias de controle e produção, igualmente desalojam paradigmas sociais, culturais e políticos. Emergem novas definições de indústria, de sociabilidades, de produção da cultura e atuação política.

Verificam-se, assim, novas articulações conceituais. A noção de consumidor ou usuário e, até mesmo de audiência articulada a partir da ideia de massa, de passividade, de manipulação, que começou a esmaecer com os primeiros resultados dos estudos culturais (anos 80 e 90), cambaleou com a rápida evolução da Internet, agora incorpora nova perspectiva. Com a digitalização do jornal, do cinema, da TV, do Rádio, associada ao surgimento de suportes de recepção multifuncionais, multimídia, convergentes e interativos, o consumidor, o usuário e a audiência deixaram de apenas receber, interpretar ou mesmo só comprar conteúdo. Passam a dispor

de possibilidades de intervenção no processo de produção, distribuição e consumo, que vão bem além do já conhecido feedback ou da manifestação nas pesquisas quantitativas e qualitativas.

É no curso desse momento que os segmentos de radiodifusão e de telecomunicações promovem a migração de tecnologia analógica para a digital nas transmissões de TV aberta no Brasil. Os radiodifusores interessados em disseminar as transmissões em alta definição de imagem e som estéreo, e os operadores de telecomunicações, atentos pela ocupação da faixa de 700 MHz, hoje usada por canais de TV analógicos, já arrematada em leilão para ser destinada ao serviço de banda larga 4G. A questão mais urgente é que a primeira região metropolitana a passar pela experiência de desligamento de todos os transmissores analógicos foi Brasília, em novembro de 2016. Este fato apresentou o desafio de assegurar que mais de 90% dos lares do Distrito Federal promovessem a migração e estivessem aptos a receber os sinais digitais. Uma tarefa que não envolveu apenas a tecnologia ou a simples troca de aparelhos, mas a capacitação do telespectador, a competência de recepção.

2 BASES DA INTERDEPENDÊNCIA

Para efeito desse relato, partimos de uma reflexão ancorada na retomada do “Novo Espírito Científico” de Bachelard (1934), para quem o racionalismo, que contempla teoria e filosofia, que é entendido como o lugar da razão e da interpretação, não pode se dissociar do realismo que oferece ao primeiro a matéria prima. Isoladas nas suas abstrações ou intuições, ambas as perspectivas tendem a um idealismo estéril. O científico estaria no elo inseparável entre o pensamento e a realidade. Na mesma lógica, diríamos que estão as vivências extensionistas, os processos de aprendizagem e as reflexões que resultam do conhecimento que vai sendo colhido e acumulado nessas experiências.

Nesse sentido, **o Projeto de Migração do sinal analógico para digital das transmissões terrestres de televisão ofereceu uma oportunidade de testar tais elos entre racionalidade e realidade a partir de uma experiência que alinhasse em um processo de vínculo interior entre atividades de**

Assim, o percurso da proposta precisou se ancorar num princípio essencial de Lévi-Strauss (1920), segundo o qual a vida social e cultural não pode ser explicada tão somente por uma abordagem funcionalista. Não podemos tratar a migração de uma tecnologia de massa apenas pela função que esta produz ou oferece. A natureza intrínseca não basta para dar conta do fenômeno de um processo que tem implicações econômicas e políticas além das propriamente sociais e culturais. É necessário observar a diferença e a relação. A diferença está presente nas dinâmicas das classes sociais, seu poder aquisitivo, seus gostos, suas estéticas, sua compreensão de mundo, etc. A relação aparece nas implicações dessas escolhas nas rotinas, nas interações, nos projetos e ciclos de vida na dinâmica da estrutura estratificada no campo social e cultural. Observa-se, assim, uma imbricação entre sistema e estrutura por meio da qual vamos observar relações diacrônicas e sincrônicas.

Aplicando essa lógica para os meios de comunicação, vamos encontrar uma contribuição no mapa das mediações de Martín-Barbero. O autor desenvolve a articulação de dois eixos nos quais o primeiro seria diacrônico e histórico, se daria em longa duração, e envolve as relações entre Matrizes Culturais e Formatos Industriais. O outro eixo seria sincrônico, sujeito a permanentes atualizações, que se articula entre as Lógicas de Produção e Competências de Recepção e Consumo. Notadamente, esses eixos se relacionam por meio de diferentes regimes. As Matrizes Culturais, por exemplo, operam relações com as Lógicas de Produção por meio de distintas institucionalidades, enquanto que as Competências de Recepção e Consumo estabelecem diversas formas de sociabilidades. Por sua vez, as Lógicas de Produção interagem com os Formatos industriais, mediadas pela tecnicidade e com as Competências de Recepção e Consumo por meio das ritualidades (MARTÍN-BARBERO, 2009).

O eixo diacrônico remeteria à história de mudanças na articulação entre movimentos sociais e discursos públicos. Esses discursos envolveriam “os modos de produção do público e a construção de formas hegemônicas de comunicação coletiva”

(MARTÍN-BARBERO, 2009, p.16). Martín-Barbero dá como exemplo o surgimento de uma cultura popular que ao “mesmo tempo nega e afirma o popular” (Ibid). Seria o caso do melodrama como gênero narrativo, presente em telenovelas nas quais, embora as relações parentais funcionem como eixo das tramas, as histórias se misturam com o imaginário burguês. Vai se constituindo um processo no qual as gramáticas resultantes de formatos e saberes narrativos, hábitos e técnicas de expressão vão sendo estruturadas e suscetíveis “às mudanças do capital e das transformações tecnológicas” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 17).

A sociabilidade que promove a mediação entre Matrizes Culturais e as Competências de Produção e Recepção contemplaria a dinâmica das relações humanas nas práticas comunicativas que resultam em modos e usos coletivos da comunicação. São processos que resultam da ativação pelas Matrizes Culturais de *habitus*³ que tanto moldariam e conformariam as Competências de Recepção e Consumo. Já a institucionalidade, que imbrica interesses e poderes do Estado e do setor privado na demanda por estabilidade e ordem e dos cidadãos na defesa dos direitos individuais e coletivos, operaria com o fim de permanentemente reordenar o social. Uma dinâmica de mediação na qual a comunicação seria usada como meio de produção de um discurso público a serviço do interesse privado.

O eixo articulado pelas Lógicas de Produção contempla as dimensões econômicas e profissionais da estrutura empresarial, a capacidade de constituir consumidores (públicos e audiências) e, principalmente, sua competitividade tecnológica. A mediação pela tecnicidade com os Formatos industriais seria uma estratégia que abriga cenários de transformação como o da convergência midiática que interliga a radiodifusão e a internet. Ou seja, as redes de computadores e suas conectividades fixas e móveis com a televisão. Martín-Barbero (2009, p.19) entende que esse processo indicaria “um novo estatuto social da técnica, o restabelecimento do sentido do discurso e da práxis política, o novo estatuto da cultura e os

³ Aqui aplicados por Martín-Barbero no sentido de Bourdieu, como o conjunto de formas simbólicas que configuram os processos estruturantes presentes nas línguas e nos meios de comunicação.

avatares da estética”.

Já a mediação pelas ritualidades resgataria o nexos simbólico de sustentação da comunicação alicerçada na memória, nos ritmos e formas. Seriam, por um lado, gramáticas de ação do olhar, do escutar, do ler e, por outro, multiplicidades de leituras sujeitas às condições sociais, econômicas e culturais com base em memórias de etnia, classe e gênero. Seria um jogo entre o comum do cotidiano e as diferentes experiências.

O que Martin-Barbero procura mostrar é que os meios de comunicação medeiam redes de poder e de produção cultural e reage à ideia de que a tecnologia seria o grande mediador. Mostra, nessa complexidade, que a dinâmica das interações e das práticas de produção, circulação e consumo envolve a possibilidade de novos sentidos sociais e novos usos dos meios.

Considerada essa perspectiva, precisamos observar a televisão como a tecnologia que teve maior penetrabilidade entre os lares brasileiros. A sua produção de conteúdo como a maior aproximação com a realidade cultural do país e que, apesar das grades de programação, das serialidades narrativas que introduziram ritualidades e institucionalidades, as diferentes formas de olhar e compreender sempre produziram diversidade. Assim, acompanhar a migração de tecnologia da televisão mobiliza um processo de mediação que está na essência da comunicação, da cultura, da política e da economia de um país como o Brasil.

3 RESULTADO DA MOBILIZAÇÃO

Tomados por essa preocupação, professores, estudantes, técnicos e voluntários da UCB se lançaram no apoio ao processo de digitalização do sinal da TV. As atividades, por meio do projeto Migração para Televisão Digital (MTVD), se integraram à rede de ações que desenvolveram o processo de redistribuição e digitalização de Canais de TVs Analógicas para Digital. As premissas se ancoraram numa atuação universitária no âmbito da sua pesquisa, ensino e extensão.

Buscou-se promover uma articulação que envolveu a proposta pedagógica da UCB que englobou a promoção do protagonismo acadêmico, da vivência prática dos ambientes e

dinâmicas sociais, da inovação, do voluntariado, do empreendedorismo social, que resultaram na formação cidadã ética e solidária e na produção do conhecimento.

Nesse sentido, foram mobilizados 681 estudantes que atuaram em ações voluntárias diretas ou indiretas, seja usando seus canais de contato com o público-alvo por meio das suas atividades acadêmicas de rotina, seja pelos contatos em suas regiões de moradia. Superou-se a meta de 448 envolvidos. Do total de universitários mobilizados, 405 realizaram ações continuadas junto à população que se relaciona com programas ou projetos da UCB. Das 2.300 pessoas que deveriam ser atingidas por ações de atendimento, blitz, visitas ou oficinas, os estudantes chegaram a contatar mais de 7.928 pessoas.

A única dificuldade encontrada foi na demanda de agendamento no qual, dos 460 desejados, apenas 63 foram efetivados. A barreira se deu pela inconformidade entre o número dos documentos pessoais dos beneficiários e a referência do cadastro disponível na rede. Além disso, detectou-se que boa parte do público já tinha providenciado algum tipo de migração, embora muitos ainda estivessem com problemas de captação dos sinais digitais. Na maior parte destas situações, o aconselhamento da equipe foi fundamental, pois incentivou a busca pela digitalização. O que significa dizer que ao maior gargalo não é a entrega ou o acesso ao conversor e antena, mas a pós-entrega, a instalação e a operacionalidade da tecnologia.

No que se refere à produção de vídeos, dos 60 previstos, 63 já foram publicados. O canal DF Digital, no YouTube, atualmente, possui 1.072 inscritos e os vídeos publicados já foram visualizados mais de 65.811 vezes.

Quanto à pesquisa de campo, foram realizadas, entre os dias 15 de novembro e 20 de dezembro, as visitas de campo nas regiões de Ceilândia, Estrutural, Itapoã, Planaltina, Samambaia, São Sebastião e Sobradinho. Os resultados serão mencionados em publicação separada, mas indicam, em geral, um desejo de inclusão na nova tecnologia e reafirmam a importância do meio televisivo no acesso à informação e aos bens culturais para a população de baixa renda,

seguimento expressivo da sociedade brasileira.

No que se refere aos processos de aprendizagem na experiência dos nossos professores, técnicos e, especialmente estudantes, as reflexões que resultaram do conhecimento que foi colhido e acumulado pode ser melhor observado no relato individual dos participantes. A partir da próxima seção, cada participante por área registra em texto próprio sua percepção.

Interdisciplinaridade de Gabrielle Santelli Vitório⁴

“Olhares vindos das Ciências Biológicas, Computação, Comunicação, Economia, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Física, Fisioterapia, Letras, Matemática, Medicina, Nutrição, Odontologia, Pedagogia, Psicologia, Química e Serviço Social se uniram com o propósito de mostrar para a população a importância de migrar do sinal analógico para o digital. Ao longo de seis meses, 20 bolsistas e mais de 600 voluntários atuaram nas ruas, escolas, centros de assistência social, feiras, estações do metrô, postos de saúde, hospitais e igrejas de 20 regiões administrativas do Distrito Federal.

A timidez estava estampada nos primeiros encontros. Com o passar dos dias, porém, os bolsistas e voluntários se integraram e começaram a trocar seus conhecimentos e experiências a fim de planejar ações e estratégias para mobilizarem o maior número possível de pessoas. A tecnologia também ajudou nessa união. Mídias sociais e aplicativos de troca de mensagens permitiram que eles se organizassem: “Quem pode ir comigo na ação de amanhã? Eu! Eu! Eu!”.

A Televisão Digital não trouxe a interação apenas para os beneficiários da Bolsa Família que receberam conversores com o recurso do Ginga. A interação também esteve presente na interdisciplinaridade do Projeto Migração para Televisão Digital (MTVD), por meio da articulação de conceitos, metodologias e conhecimentos produzidos a fim de propor soluções as questões apresentadas, mas levando em consideração os diferentes olhares e saberes vindos dos diferentes

⁴ Gerente de Projeto do Migração para Televisão Digital (MTVD). Mestre em Comunicação pela Universidade Católica de Brasília.

campos de conhecimento sobre o mesmo tema (JANTSCH, 1972; JAPIASSU, 1997).

Comunicação ensinou a fotografar. Física esclareceu como funcionavam as transmissões dos sinais. Pedagogia explicou como abordar as crianças. Serviço Social mostrou a importância de mobilizar. Conjuntamente, os núcleos de trabalho viram que a televisão é o único meio de informação e de entretenimento de muitos, e que o sinal digital é mais do que qualidade de imagem e som. Eles se aproximaram das realidades que antes só viam nos “noticiários”.

Figura 1: Pesquisadores e bolsistas do Projeto Migração para Televisão Digital



Fonte: Arquivo Pessoal

Aprendizado de Aline Brito⁵

“O jornalismo sempre fez parte dos meus sonhos, e toda vez que me imaginava na profissão, me via como repórter. Meu desejo de aprender me fez entrar de cabeça no projeto e me descobrir, me apaixonando cada dia mais pelo ofício. Cada reportagem apurada, cada off produzido e gravado, cada roteiro escrito, me fazia ver no que eu era boa e no que eu ainda precisava melhorar. Os obstáculos foram muitos, mas em nenhum momento pensei em desistir, muito pelo contrário, queria produzir mais e mais.

A minha primeira experiência no projeto foi um tanto peculiar. Fui participar de uma das caravanas realizadas pela Seja Digital na Expansão da Samambaia. No início, a minha intenção era apenas observar e ver como a equipe trabalhava, para que, quando necessário, eu pudesse fazer igual, dando

⁵ Estudante bolsista do Núcleo de Documentação e Produção de Conteúdos.

continuidade ao trabalho sem prejudicar o que já tinham feito.

No primeiro dia eu já aprendi qual era o protocolo da equipe, o qual consistia em: retirar o material no Centro de Rádio e Televisão (CRTV) da Universidade Católica de Brasília (UCB) e chamar um Uber para nos levar até o local onde a caravana estava sendo realizada. Chegando ao local, apurávamos o que era pré-definido na pauta, fazíamos entrevistas, gravávamos imagens e, por fim, chamávamos novamente o Uber para nos deixar de volta no CRTV-UCB. No começo tudo ocorreu bem, até o momento de chamar o transporte para voltarmos para UCB.

Por ser um local de difícil acesso, não havia nenhum carro nas redondezas. Ficamos por volta de uma hora pensando no que iríamos fazer para retornar, até que uma das componentes da equipe lembrou-se de um amigo que morava perto de onde estávamos pediu para que ele nos buscasse”. “Na hora, toda a equipe estava apreensiva, pois era um local um tanto perigoso. Porém, hoje todos nós nos lembramos dessa experiência e damos risada. Ali, naquele momento, aprendi que trabalho em equipe e boas amizades são fundamentais para a boa realização de uma tarefa. Descobri também durante aquele momento que tinha acabado de fazer amizades que levaria para toda vida”.

Todos os sábados eu participava de uma caravana em um local diferente, desde Brazlândia até o Recanto das Emas, Ceilândia e Samambaia. Eu já aguardava ansiosa a chegada do final de semana para poder estar presente nas ações. Era o melhor momento da minha semana. Nessas mobilizações eu tive oportunidade de ter contato com jornalistas de nome no Distrito Federal, como por exemplo, o Henrique Chaves, e com profissionais de diversas áreas que se voluntariaram para ajudar na transição do sinal. Foram inúmeros os conhecimentos adquiridos ao longo do processo de transição do sinal analógico.

Estresse, alegria, preocupação e satisfação foram alguns dos muitos sentimentos meus e de toda a equipe. Hoje posso dizer que sou outra pessoa. A minha caminhada no jornalismo com certeza vai ser muito mais produtiva. Aprendi não só como é o dia a dia de um jornalista, mas também

como é a realidade de muitas pessoas. Aprendi que nem sempre o que imaginamos fazer, dará certo ou sairá como o planejado e, por isso, temos sempre que ter um plano B, ou sair e refazer tudo do início.

O sinal digital trouxe consigo, além de uma imagem e som de qualidade e interatividade para a população, a lembrança de um período gratificante. A saudade das caravanas e da alegria que o ônibus amarelo levava pelo DF e entorno é certa, mas também é certo de que ninguém que participou dessa transição irá esquecer os momentos vividos”.

Figura 2: Bolsistas e voluntária do núcleo de Registro em Caravana Digital



Fonte: Arquivo Pessoal

Sonho de Ana Cláudia Cândido Póvoa⁶

“O sonho de todo universitário é encontrar um lugar onde ele possa iniciar uma carreira profissional e que, ao mesmo tempo, entenda suas dificuldades e o trate de forma íntegra. Nesse sentido, me sinto muito realizada em ter participado do Projeto de Migração para Televisão Digital, pois este contribuiu de forma enriquecedora para a minha formação profissional como jornalista.

Além de ser uma boa oportunidade para incrementar o currículo e direcionar a colocação profissional, foi um momento de grande aprendizado. Há certas oportunidades que marcam nossas vidas, que despertam algo de especial em nós, que abrem nossos olhos de modo irreversível e transformam nossa maneira de ver o mundo. Como um ponto de partida para fazer comparações entre experiências já vividas cujas representações foram

⁶ Estudante bolsista do Núcleo de Documentação e Produção de Conteúdos.

construídas sob os conhecimentos ao decorrer da teoria, juntamente com a experiência que se fazia naqueles momentos, isto é, na interação com o mundo na prática. Assim, como a análise de que a teoria e prática devem caminhar juntas, possibilitando reflexões acerca da profissão e na construção da identidade profissional.

A experiência de acompanhar e registrar as caravanas digitais, assim como os eventos de divulgação, mobilizações, ações de porta em porta e todas as coberturas e entrevistas foi humanizada no trato direto com a população, vendo de perto a importância de se levar informação e conhecimento, função que deve ser executada de forma responsável nos meios de comunicação, permitindo ao receptor a possibilidade de refletir e, também, de interpretar, auxiliando na difusão do conhecimento. Estar envolvida nesse projeto e poder aplicar os conhecimentos adquiridos em cada entrevista foram de extrema importância para a minha evolução como repórter. Assim, tive a oportunidade de viver uma experiência enriquecedora”.

Figura 3: Bolsistas de Registro na Rodoviária do Plano Piloto



Fonte: Arquivo Pessoal

Ação escolar de Wendell Cruzeiro⁷

“Assim que vi a divulgação do projeto na Graduação Online (GOL), plataforma de contato entre a Universidade Católica de Brasília (UCB) e seus estudantes, quis conhecer um pouco melhor sobre o processo de migração do sinal analógico para o digital. Minha curiosidade, porém, era somente em entender o que estava melhorando.

A primeira experiência que tive de divulgação

foi com o Projeto Alfabetização Cidadã, que ensina jovens, adultos e idosos a ler e escrever. Foi muito bacana pelo fato de estarmos colocando em prática um projeto tão grande quanto este. Mostrar para um público de idosos que migrar para a TV Digital é um caminho bom a se fazer. Inicialmente, foi muito complicado pelo fato desse público desconfiar das pessoas. Quando chegamos divulgando que pedimos para fazer o cadastramento pelo CPF gerou-se um desconforto, este foi resolvido quando a professora deles conversou e falou que podia confiar. Este público acreditava que se alguém está oferecendo alguma coisa é porque quer algo em troca, e não era esta a impressão que queríamos causar.

O nosso objetivo era conseguir o máximo possível de pessoas digitalizadas e para atender as metas convidamos mais voluntários. Foram feitas algumas reuniões para mostrar nossa proposta de trabalho e metas. Estudamos a área onde cada um residia e decidimos atender áreas escolares carentes. Pesquisamos várias escolas com o intuito de conseguir uma permissão para a nossa entrada no recinto e divulgação do projeto, mas houve barreiras no meio do caminho. Algumas escolas que só aceitariam a nossa entrada se a regional de ensino tivesse expedido um documento permitindo a entrada na escola. Desta forma, o nosso trabalho ficou em tentar convencer a equipe pedagógica e a diretora das escolas que a nossa entrada para divulgar a informação.

Fomos às escolas permitidas e fizemos um trabalho de conversar com os estudantes, entregar o panfleto disponível pela Seja Digital e explicar que as pessoas que participam do Cadastro Único poderiam retirar o kit gratuitamente. Não ficamos somente utilizando os argumentos de ter um sinal ou áudio melhor. Explicamos das subdivisões de canais, os novos recursos de acessibilidade, os recursos de praticidade e outros benefícios.

Tivemos também que abraçar todos os públicos escolares, inclusive as primeiras séries do ensino fundamental, onde fizemos um planejamento sobre a melhor forma de abordar estas crianças e como essas crianças tão pequenas poderiam nos ajudar. Pegamos as características das crianças desta idade. Este público é persistente, logo, se conseguimos cativar estes estudantes a fim

⁷ Estudante bolsista do Núcleo de Documentação e Produção de Conteúdos.

deles serem os propagadores da informação, ganharíamos mais integrantes para o nosso time.

Este projeto acrescentou à minha vida a experiência de trabalhar em conjunto. Esta foi a maior característica desenvolvida no grupo em que participei. Este trabalho em conjunto ficou claro na organização das ações de mobilização, compostas de mobilizadores de diversas . Por exemplo, foi marcada uma ação de mobilização em uma escola e nesta ação haviam pessoas da saúde, das humanas, da educação, da comunicação e do serviço social. Esta diversidade de cursos me ajudou muito a abordar um público de forma diferente por conta da análise feita das abordagens e de outros mobilizadores de outras áreas”.

Figura 4: Bolsista e voluntário de Licenciatura em ação de mobilização escolar



Fonte: Arquivo Pessoal

Mobilização de Juliana dos Santos Ferreira *

“Ser mobilizadora foi uma experiência gratificante. Durante a divulgação do projeto, buscávamos abordar as pessoas com uma conversa simples: “Oi, Boa tarde! Sou aluna da Católica e bolsista do projeto Seja Digital. A(o) sr(a). tem acesso ao sinal digital ou sua televisão é de tubo ou de plasma?”. A partir de uma frase tão simples a conversa se iniciava, sendo possível sensibilizar a comunidade sobre a importância da TV Digital.

Ao público mais incrédulo que relatava não assistir televisão, ou que criticava a entrega do kit gratuito, explicávamos que essa transição não ia apenas beneficiar o pessoal do “Bolsa Família”, mas que o sinal digital era um benefício para todos. Explicávamos que apesar daquela pessoa

* Estudante bolsista do Núcleo de Disciplinas da área Básica de Saúde.

não assistir à televisão, ela gostava de acessar a internet pelo celular e, com essa transição, iria melhorar a conexão. A partir desse comentário, foi possível estabelecer uma nova visão da TV Digital.

Como beneficiária de um dos programas sociais do GDF, sei a importância que esse kit gratuito fez na casa de muitos brasileiros, visto que uma parcela da população tem a televisão como principal meio de acesso à informação e entretenimento.

A colaboração dos voluntários dos cursos de saúde foi fundamental, pois sem a participação deles não seria possível orientar tantas pessoas. Por terem acesso aos usuários do serviço odontológico da universidade, os voluntários do curso de Odontologia aproveitavam a consulta ou tratamento odontológico para informar e orientar os seus pacientes sobre o desligamento do sinal analógico. Esses voluntários conseguiram orientar mais de 300 pacientes.

O público idoso da Clínica de Fisioterapia da UCB foi receptivo à nossa abordagem e alguns dos idosos relatavam ter tomado conhecimento sobre desligamento do sinal analógico por meio da televisão, mas que não sabiam sobre o kit gratuito.

As atividades realizadas junto com os alunos do Núcleo de Formação Básica de Saúde da UCB nas escolas públicas foi bem atípica, pois o público era de crianças de 06 a 12 anos e adolescentes. Entrávamos nas salas de aula e conversamos com os estudantes de modo que eles transmitissem aos familiares sobre o sinal digital. Para reforçar o que tínhamos falado, entregávamos quebra-cabeças e tatuagens do mascote Digital.

Os acadêmicos de enfermagem divulgaram o projeto durante suas atividades de estágio em diversos hospitais e postos de saúde, mas também em suas comunidades. A acadêmica Priscila Araújo aproveitava seu local de trabalho (venda de espetinhos) para divulgar. O estudante Breno Borges orientou sua comunidade no Gama e a Amanda Carvalho aproveitava suas atividades de lazer para divulgar sobre a digitalização.

Além dessas ações dos voluntários, sempre busquei ajudar os meus colegas bolsistas que estavam responsáveis por outros núcleos.

Só seria possível obter bons resultados caso todos trabalhassem em equipe. Uma situação interessante aconteceu ao longo da divulgação nas ruas do DF: sempre busquei dizer “Boa Tarde!” ao entregar o panfleto da Seja Digital para que as pessoas pelo menos recebessem. Essa pequena ação gerava resultado positivo e o próprio grupo de bolsistas percebeu que isso fazia com que as pessoas parassem para nos perguntar sobre o que se tratava o panfleto ou pelo menos o recebiam. Percebi naquele momento que tinha feito a diferença entre meus colegas, pois a partir de então todos começaram a ter o gesto, pois fazia diferença na divulgação.”

Figura 4: Voluntária de Odontologia informa paciente na Clínica Odontológica da UCB



Fonte: Arquivo Pessoal

Sentido social de Maria Isabel de Jesus da Silva ⁹

“Participar desse projeto foi uma grande experiência, pois logo vou me tornar uma profissional de Serviço Social e irei trabalhar com profissionais de diversas áreas. Pude refletir e aprender com cada mobilização, sensibilização e blitz realizada pela equipe. A união de uma equipe pode desenvolver um trabalho de excelência e, consequentemente, alcançar metas.

As experiências adquiridas como participante desse projeto foram magníficas, como na blitz que realizamos na Rodoviária do Plano Piloto. Ao abordarmos uma moça que vendia água, pipoca e doces, perguntamos se ela poderia nos conceder uma entrevista. Ela disse que não teria ninguém para ficar olhando os doces que ela vendia, e foi quando uma das voluntárias se ofereceu para ficar vendendo enquanto ela dava a entrevista ao pessoal do registro. Vi ali a importância da empatia e o valor

⁹ Estudante bolsista do Núcleo de Ação Social (Serviço Social).

de mostrarmos segurança ao abordarmos e falarmos com as pessoas. Quero levar essas experiências para minha vida e também onde eu estiver atuando como profissional.

Foram diversos aprendizados. Quero destacar aqui um entre tantos: a importância de trazer amor pelo que se faz, pois você transmite isso para outras pessoas. Em uma blitz em Ceilândia, conseguimos fazer um agendamento de uma senhora beneficiária do Bolsa Família que não sabia que tinha direito ao kit. Ela ficou tão feliz que queria agradecer dando um abraço em cada bolsista ali presente.

Para finalizar, não poderia deixar de acrescentar a importância das voluntárias do Serviço Social. Todas se empenharam, mas uma destacou e levou o prêmio mobilizadora voluntária universitária da Seja Digital, ganhando, assim, uma televisão de 42 polegadas. Fiquei emocionada com o depoimento dela, pois ela contou que ainda não tinha uma televisão e que aquela seria a sua primeira TV. O empenho dessas meninas deixou ainda mais forte para mim que o resultado é alcançado quando todos estão unidos com um mesmo propósito e o mesmo objetivo.

Figura 6: Bolsistas do MTVD atuando na Praça do Relógio de Taguatinga



Fonte: Arquivo Pessoal

Outro olhar da tecnologia de Elias Cerqueira¹⁰

“É notório que o mundo está se atualizando constantemente, principalmente no que diz respeito à tecnologia. Para tanto, o governo identificou a necessidade de atualizar o sinal aberto da televisão. Acredito que a Seja Digital teve uma excelente estratégia em disponibilizar o

¹⁰ Estudante bolsista do Núcleo de Ação Social (Computação).

sinal digital inicialmente em Brasília, pois este é o menor ente federativo e possibilita que a entidade possa identificar pontos positivos e negativos desta transição em grande escala.

Minha experiência no que diz respeito ao projeto e aos impactos na minha vida são incontáveis. Mas ressalta-se, principalmente, o meu aprimoramento nas relações interpessoais. Minha missão era clara desde o início: fazer pequenas palestras e oficinas para moradores do DF com o intuito de explicar e demonstrar a instalação e o funcionamento dos conversores e antenas.

A primeira tarefa que tive foi ler os guias disponibilizados pela Seja Digital. Após testar e avaliar os conversores disponibilizados, começamos as oficinas e recebi alguns feedbacks. Em sua maioria foram positivos, mas alguns colegas disseram que eu falava muito rápido e, dependendo do público, algumas pessoas poderiam não acompanhar e, assim, pude aprimorar minhas oficinas.

Nas oficinas, três dúvidas eram recorrentes. A primeira era “Alguns canais da minha televisão não pegam. É normal?”. prontamente eu perguntava onde a pessoa morava e respondia que o local poderia ser alguma área com sombra, onde o sinal não chegava, os principais locais com esses problemas eram: Recanto das Emas, Ceilândia e Vicente Pires. Ou eu dizia que o problema era na altura da antena. O canal na qual todos me relatavam problemas era o SBT e posteriormente descobri que essa mesma rede de televisão demorou para atualizar e aprimorar seu sinal digital.

A segunda pergunta era sobre “quem tem direito de receber o kit?”. Acredito que muitos não sabiam se tinham alguém da família cadastrado em algum programa e se os dados estavam devidamente atualizados. O nosso maior problema foi identificar o NISS do representante. Caso este não soubesse, procurávamos a pessoa no sistema pelo seu CPF. A maioria dos resultados eram negativos. Entretanto, sempre recomendávamos para todos que prosseguissem com a busca no site da Seja Digital ou pelo número 147.

A terceira pergunta era “Como e quem poderia instalar o kit?”. Acredito que a maioria das pessoas

que sabiam que eram beneficiários de algum dos programas do governo já haviam pegado seu kit, mas boa parte ainda não o tinha instalado. A maioria alegava que não tinha em casa pessoas capazes para realizar a instalação, pois se tratava de um trabalho técnico e que oferecia riscos. Mas prontamente recomendava-se ligar no 147 e ver se conseguia o contato de algum antenista que atuava próximo à sua residência ou recomendava-se ir à loja do Fujioka ou em outras lojas especializadas.

Dentre outras coisas, sempre me recordarei do projeto como uma oportunidade de aprender. Como exemplo, eu adquiri novos conhecimentos para atender meu público-alvo. Não poderia ficar sem sanar alguma dúvida. E tive a oportunidade de conhecer várias pessoas de outros cursos, com diferentes pontos de vista, focados em suas diversas áreas de conhecimento. Acredito que essa é a verdadeira essência de interdisciplinaridade, que é tão discutida na Universidade. Por fim, acredito que alcancei meus objetivos e gostei de poder participar efetivamente de um projeto de tamanha magnitude”.

Figura 7: Bolsistas realizam oficina sobre TV Digital



Fonte: Arquivo Pessoal

Descoberta da ciência por Juliana Dracz¹¹

“Durante os últimos quatro meses, estudantes de alguns cursos da Universidade Católica de Brasília se uniram em um projeto de Iniciação Científica com um único objetivo: explicar para a população carente que o sinal analógico seria desligado em breve. No início parecia um trabalho simples, pensávamos que todos já tinham ouvido falar sobre TV Digital e já estavam providenciando a instalação de seus kits. Estávamos enganados.

¹¹ Estudante bolsista do Núcleo de Ação Comunitária (Comunicação).

Neste período, conheci pessoas que dependiam unicamente da televisão para se entreterem e se informarem. Algumas não possuíam saneamento básico ou água encanada, mas possuíam um aparelho de televisão como companheiro fiel. Para eles, a digitalização era algo distante que não afetaria suas vidas ou, então, imaginavam que, quando o sinal fosse desligado, seria necessário descartar seus televisores.

Nós, mobilizadores, visitamos a Samambaia, o Riacho Fundo, o Recanto das Emas, Taguatinga, a rodoviária do Plano Piloto, o centro da Ceilândia, entre outras regiões do DF. Em cada uma de nossas visitas, conhecíamos alguém cheio de dúvidas sobre esse processo. Uma dona de casa que não conseguiu realizar seu agendamento, um senhor que não sabia que tinha direito, uma trabalhadora que não sabia como instalar o kit, um pai que não sabia sintonizar os canais, uma filha que não conhecia os recursos da interatividade.

Ajudar essas pessoas nos ensinou principalmente a enxergar a realidade daqueles que vivem próximos de nós. Aprendemos a ter paciência e explicar até que a pessoa tenha absoluta certeza que aprendeu. Quando era necessário anotar, isso era feito.

Nós, da Comunicação Social, pudemos registrar todos esses momentos. Durante o processo, acompanhamos essas visitas e gravamos todos esses detalhes. Entrevistas mostravam a alegria nos olhos de quem retirava seu kit ou conseguia realizar o agendamento com a ajuda dos mobilizadores. Histórias de vida contadas nos faziam perceber como a televisão é um membro da família para muitas pessoas”.

Figura 8: Bolsista entrevista beneficiária do programa de recebimento de kit digital



Fonte: Arquivo Pessoal

4 APONTAMENTOS FINAIS

Cada relato desvela uma cadeia de experiências tal qual pensada por Lévi-Strauss nos quais, efetivamente, esses jovens acessaram a vida social e cultural de uma parcela expressiva da população que só pode ser compreendida por uma abordagem nada funcionalista. **A migração de uma tecnologia de massa que envolve um processo de implicações econômicas e políticas, além das propriamente sociais e culturais, pode ser vivida.** Em cada manifestação dos estudantes, é observável a diferença e a relação percebidas na experiência. A diferença que está presente nas dinâmicas das classes sociais, seu poder aquisitivo, seus gostos, suas estéticas, sua compreensão de mundo e afins, foi colocada diante deles com naturalidade, por meio do convívio direto com as rotinas, as necessidades e os desejos. **A relação presente nas implicações dessas escolhas a partir das rotinas, das interações, dos projetos e ciclos de vida de cada família visitada e contatada, ofereceu a realidade da dinâmica real nessa estrutura estratificada no campo social e cultural.**

Eles observaram a mais evidente imbricação entre sistema e estrutura por meio desta experiência que os lançou diretamente na observação, sem nenhum filtro, das relações diacrônicas e sincrônicas. Desmistificar a demonização da televisão, compreender as matrizes culturais e os formatos industriais, as Lógicas de Produção e Competências de Recepção e Consumo. Eles testemunharam as institucionalidades, as sociabilidades, as ritualidades e a tecnicidade que nos fala Martin-Barbero. Para estes jovens a formação profissional e a vivência humana hoje têm outro significado.

5 BIBLIOGRAFIA

JANTSCH, Erich. **Towards interdisciplinarity and transdisciplinarity in education and innovation** **Interdisciplinarity: Problems of teaching and research in universities.** Paris: Organization for Economic Cooperation and Development, 1972. p. 97–121.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 220.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonía. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.